

O REDENTOR

Jo Nesbø

Tradução do inglês de
Dora Reis



PARTE UM

Advento

Agosto de 1991
As Estrelas

Ela tinha catorze anos e estava certa de que, se fechasse os olhos com força e se concentrasse, conseguiria ver as estrelas através do teto.

À sua volta respiravam várias mulheres: uma respiração cadenciada e profunda, de quem dorme. Uma delas ressonava, a tia Sara, a quem tinham dado um colchão perto da janela aberta.

Fechou os olhos e tentou respirar como as outras. Era difícil dormir, especialmente porque tudo à sua volta era muito novo e diferente. Os sons da noite e da floresta para lá da janela em Østgård eram diferentes. As pessoas que ela tão bem conhecia das reuniões no Templo e dos acampamentos de verão, de certa forma já não eram as mesmas. E ela também já não era a mesma. O rosto e o corpo que via no espelho naquele verão eram novos. E as suas emoções, aquelas estranhas vagas de calor e de frio que lhe percorriam o corpo quando algum dos rapazes olhava para ela. Ou, mais concretamente, quando um deles olhava para ela: Robert. Também ele estava diferente naquele ano.

Abriu os olhos e fixou-os no teto. Sabia que Deus tinha o poder de fazer coisas maravilhosas, incluindo permitir que ela visse as estrelas através do teto. Se quisesse.

Tinha sido um dia longo e cheio de acontecimentos. A brisa quente de verão restolhava nos campos de milho e as folhas das árvores bailavam numa dança frenética, fazendo derramar a luz cintilante sobre os

visitantes sentados na relva do pátio. Estavam a ouvir um dos cadetes da Escola de Oficiais do Exército de Salvação falar sobre o seu trabalho como sacerdote nas ilhas Faroe. Era um homem bonito e expressava-se com grande sensibilidade e entusiasmo. Porém, ela estava ocupada a enxotar um besouro, que lhe zumbia à volta da cabeça, e quando o inseto por fim desapareceu o calor havia-a deixado ensonada. Quando o cadete terminou o discurso, todos os rostos se viraram para o comandante territorial, David Eckhoff, que os olhou com uns olhos jovens e risonhos, apesar de ter mais de cinquenta anos. Fez a saudação própria do Exército de Salvação, levantando a mão direita acima do ombro e, com o indicador apontado para o reino dos céus, gritou um ressoante «Aleluia!» Depois pediu que se abençoasse o trabalho do cadete entre os pobres e os marginalizados, recordando a todos o Evangelho de Mateus, onde se diz que Jesus, o Redentor, podia caminhar entre eles como um estranho na rua, talvez um criminoso, sem comida e sem roupa. E que os justos, aqueles que tinham ajudado os necessitados, seriam recompensados com a vida eterna no dia do Juízo Final. Aquele discurso prometia ser longo, mas então alguém murmurou qualquer coisa e ele anunciou, com um sorriso, que estava na Hora da Juventude, e que hoje era a vez de Rikard Nilsen.

Ela ouviu Rikard a esforçar-se por imprimir um tom mais adulto à voz quando agradeceu ao comandante. Como de costume, preparara o que ia dizer por escrito e decorara-o. Ergueu-se e discursou sobre a luta a que queria dedicar a sua vida, a luta de Jesus pelo reino de Deus. Fê-lo num tom nervoso, mas monótono e enfadonho ao mesmo tempo. Deteve sobre ela o olhar carrancudo e introvertido. Ela pestanejou ao reparar no lábio superior suado movendo-se para formar frases conhecidas, seguras, entediadas. Por isso, não reagiu de imediato quando sentiu uma mão tocar-lhe nas costas. Não até as pontas dos dedos lhe descerem até ao fundo das costas, e mais abaixo, provocando-lhe um calafrio debaixo do fino vestido de verão.

Voltou-se e viu os olhos castanhos e sorridentes de Robert. E desejou que a sua pele fosse morena como a dele, para que ele não pudesse vê-la corar.

– Psiu – disse Jon.

Robert e Jon eram irmãos. Muito embora Jon fosse um ano mais velho, desde pequenos que muitas pessoas os tomavam por gémeos. Porém, Robert tinha agora dezassete anos e, apesar de os rostos ainda terem semelhanças, as diferenças eram mais evidentes. Robert era alegre e descontraído, era brincalhão e tocava bem guitarra, mas não levava muito a sério as horas das missas. E por vezes as suas brincadeiras iam um pouco longe de mais, especialmente quando reparava que os outros se estavam a rir. Nesses momentos, Jon costumava intervir. Jon era um rapaz honesto e consciencioso. A maior parte das pessoas acreditava que iria para a Escola de Oficiais e, apesar de não o dizer expressamente, acreditava também que fosse encontrar noiva no seio do Exército, o que, no caso de Robert, não parecia ser assim tão evidente. Jon era dois centímetros mais alto do que o irmão, porém, curiosamente, Robert parecia mais alto. Isto devia-se ao facto de, desde os doze anos, Jon ter começado a encurvar-se, como se carregasse às costas todo o peso do mundo. Ambos eram morenos, com traços regulares e atraentes, mas o Robert tinha algo que faltava a Jon. Algo que se adivinhava por detrás dos seus olhos, algo negro e brincalhão, que a seduzia e ao mesmo tempo a assustava.

Enquanto Rikard falava, os seus olhos passearam-se pelo mar de rostos conhecidos ali concentrados. Um dia iria casar-se com um dos rapazes do Exército de Salvação, e talvez fossem ambos transferidos para outra cidade ou outra região do país. Mas regressariam sempre a Østgård, o lugar que o Exército acabava de comprar e que a partir daquele momento seria o campo de verão.

Afastado da multidão, estava um rapaz de cabelo louro sentado nos degraus que conduziam à casa, acariciando um gato que lhe havia saltado para o colo. Percebeu que ele a estivera a observar, mas desviara o olhar no momento em que ela o surpreendera. Era a única pessoa ali presente que ela não conhecia, mas sabia que o seu nome era Mads Gilstrup, e que era o neto dos antigos proprietários de Østgård, que era um par de anos mais velho do que ela e que a família Gilstrup era rica. Realmente era bonito, mas tinha um ar solitário.

De resto, o que fazia ele ali? Tinha chegado na noite anterior e haviam-no visto a deambular por ali com um ar zangado, sem falar com ninguém. Mas ela já tinha sentido os seus olhos pousados nela algumas vezes. Toda a gente olhava para ela naquele ano. Isso também era novidade.

Foi arrancada destes pensamentos quando Robert lhe pegou na mão e depositou algo nela, dizendo-lhe: Vem ao celeiro quando o aspirante a general tiver terminado. Tenho uma coisa para te mostrar.

Depois, Robert pôs-se de pé e afastou-se, e ela quase soltou um grito quando baixou os olhos para a mão. Tapou a boca com a outra mão e deixou cair na relva o que ele lhe tinha dado. Era um besouro. Ainda se mexia, mas não tinha patas nem asas.

Rikard terminou por fim, e ela ficou sentada a ver os seus pais e os do Robert e Jon aproximarem-se das mesas onde serviam o café. Ambas eram aquilo que o Exército chamava «famílias fortes» dentro das suas respetivas congregações de Oslo, e ela sabia que havia olhos vigilantes a controlá-la.

Caminhou em direção à casa de banho exterior, e, depois de virar a esquina onde ninguém a podia ver, deitou a correr em direção ao celeiro.

– Sabes o que é isto? – perguntou Robert com os olhos risonhos e uma voz grave que não tinha no verão anterior.

Estava deitado na palha de barriga para cima, talhando a raiz de uma árvore com o canivete que trazia sempre no cinto.

Depois levantou a raiz e ela viu do que se tratava. Já o vira em desenhos. Esperava que estivesse suficientemente escuro, para ele não se dar conta do rubor nas suas faces.

– Não – mentiu, sentando-se a seu lado na palha.

E ele lançou-lhe aquele olhar provocador, como se soubesse algo sobre ela, que nem ela própria sabia. E ela devolveu-lhe o olhar e recostou-se para trás, apoiando-se nos cotovelos.

– É uma coisa que se mete aqui – disse, e num abrir e fechar de olhos enfiou-lhe a mão por baixo do vestido. Ela sentiu a raiz dura contra a parte interior das coxas, e antes que tivesse tempo de fechar

as pernas, ele estava a tocar nas suas cuecas. Sentia a respiração dele no pescoço.

– Não, Robert – murmurou.

– Mas fi-lo especialmente para ti – retorquiu.

– Para. Eu não quero.

– Estás a dizer-me que não? A mim?

Ela arquejou, sem conseguir responder nem gritar, quando de repente ouviram a voz de Jon à porta do celeiro:

– Robert! Não, Robert! – Ela sentiu-o tirar a mão, e a raiz da árvore ficou presa entre as suas coxas. – Vem cá – disse Jon, como se estivesse a falar com um cão desobediente.

Robert levantou-se a rir, piscou-lhe o olho e correu lá para fora para o sol, onde se encontrava o irmão.

Ela sentou-se direita e sacudiu a palha do corpo, sentindo-se ao mesmo tempo aliviada e envergonhada. Aliviada por Jon ter interrompido aquele jogo sem tino. Envergonhada, porque ele parecia pensar que era mais do que isso: um jogo.

Mais tarde, durante as graças antes do jantar, olhou de frente para os olhos castanhos de Robert, e viu os seus lábios formarem uma palavra. Não percebeu, mas riu-se na mesma. Estava louco! E ela... bom, o que é que se passava com ela? Também estava louca, como ele. E apaixonada? Sim, apaixonada, era mesmo isso. E não como quando tinha doze ou treze anos. Agora tinha catorze e era mais adulta. Era tudo mais sério. E mais emocionante.

Sentiu outra vez a vontade de rir a crescer dentro dela enquanto estava ali deitada, tentando fazer um buraco no teto com o olhar.

A tia Sara deu um ronco e depois parou de ressonar perto da janela. Ouviu-se um guincho. Seria uma coruja?

Tinha de ir fazer chichi.

Não lhe apetecia sair, mas tinha de ir. Tinha de caminhar sobre a erva húmida de orvalho e passar junto ao celeiro que, de noite, estava escuro e muito diferente. Fechou os olhos, mas isso não ajudou. Saiu do saco-cama, enfiou os pés nas sandálias e foi em bicos dos pés até à porta.

Viam-se algumas estrelas no céu, mas iriam desaparecer em breve quando o dia rompesse a leste dali a uma hora. O ar frio acariciava-lhe a pele enquanto corria, ouvindo os sons noturnos que lhe eram desconhecidos. Talvez fossem insetos que se mantinham silenciosos durante o dia, ou animais caçando. O Rikard dissera-lhe que tinha visto raposas perto dos arbustos, ao longe. Ou talvez fossem os mesmos animais que havia durante o dia, mas emitissem sons diferentes. Eles mudavam. Como se mudassem de pele.

A casa de banho exterior ficava isolada, sobre uma pequena colina atrás do celeiro. Viu-a aumentar de tamanho, à medida que se aproximava. A bizarra cabana era feita de tábuas de madeira não tratada que, com o passar do tempo, haviam ficado empenadas, lascadas e cinzentas. Não tinha janelas, apenas um coração na porta. Mas o pior era que nunca se sabia se estava livre ou ocupada.

E ela teve um pressentimento de que estava alguém lá dentro.

Tossiu, para que quem quer que lá estivesse denunciasse a sua presença.

Uma gralha levantou voo de um ramo na orla do bosque. De resto, permanecia tudo silencioso.

Subiu o degrau de pedra. Agarrou no pedaço de madeira que servia de maçaneta e empurrou a porta. A divisão estava escura.

Respirou fundo. Havia uma lanterna atrás da sanita, mas não precisou de a ligar. Levantou a tampa, antes de fechar a porta, empurrando o gancho. Puxou a camisa de dormir para cima, baixou as cuecas e sentou-se. No silêncio que se seguiu, pareceu-lhe ouvir algo. Algo que não vinha de um animal, nem de uma gralha, nem de um inseto noturno. Algo que se movia rapidamente sobre a erva alta atrás da cabana. Depois o ruído foi dissipado pelo barulho do fluido que lhe saía do corpo. Mas o seu coração já começara a bater com força.

Quando acabou, puxou rapidamente as cuecas para cima e sentou-se no escuro à escuta. Mas tudo o que conseguia ouvir era o ténue refulho da copa das árvores e o seu próprio sangue a latejar-lhe nos ouvidos. Esperou que a pulsação abrandasse, tirou o gancho e abriu a

porta. A figura escura encheu quase por completo a soleira da porta. Devia ter estado à espera, totalmente imóvel e em silêncio, no degrau de pedra da entrada. No minuto seguinte, viu-se sobre o assento da sanita, com ele de pé, inclinado sobre ela. Fechou a porta atrás de si.

– Tu? – perguntou ela.

– Eu – respondeu, com uma voz estranha, trémula e roufenha.

Depois, lançou-se sobre ela. Os olhos brilhavam-lhe no escuro, enquanto lhe mordida o lábio inferior até o fazer sangrar, enfiando uma mão por baixo da camisa de dormir para lhe arrancar as cuecas com violência. Ela ficou paralisada de medo, sob a lâmina da faca que lhe queimava a pele do pescoço, enquanto ele, qual cão enlouquecido para copular, esfregava nela os genitais mesmo antes de tirar as calças.

– Uma palavra e corto-te em pedaços – segredou-lhe.

Mas ela não pronunciou uma palavra sequer. Porque tinha catorze anos e estava certa de que, se fechasse os olhos com força e se se concentrasse, conseguiria ver as estrelas através do teto. Deus tinha o poder de fazer essas coisas. Se quisesse.

Domingo, 13 de dezembro 2003
A Visita

Estudou as suas feições refletidas na janela da carruagem. Tentou ver o que era, onde estava o segredo. Mas, para lá do lenço vermelho, não viu nada de especial: apenas um rosto inexpressivo e uns olhos e um cabelo que, quando se aproximavam as paredes dos túneis entre Courcelles e Ternes, se tornavam tão negros quanto a noite eterna do metro. O *Le Monde* repousa-lhe no colo, previsão de neve, mas mais acima as ruas de Paris ainda estão frias e desertas sob um manto de nuvens baixas e impenetráveis. As suas narinas dilataram-se para aspirar os cheiros ténues mas distintos do cimento húmido, suor, metal quente, *eau de cologne*, tabaco, lã molhada e suco gástrico, um cheiro que eles nunca foram capazes de eliminar dos assentos do comboio, nem ventilar.

A pressão criada por uma composição a aproximar-se fez as janelas vibrar, e a escuridão foi temporariamente banida por pálidos quadradinhos de luz que refulgiram ao passar. Puxou a manga do casaco para cima e consultou o relógio, um Seiko SQ50 que tinha recebido como pagamento parcial de um cliente. O vidro já tinha alguns riscos, pelo que não estava certo de se tratar de um artigo genuíno. Sete e um quarto. Era uma noite de domingo e a carruagem ia meio cheia. Olhou à sua volta. Pessoas a dormir no metro; dormiam sempre. Especialmente em dias da semana. Desligavam, fechavam os olhos, deixando que a viagem quotidiana se transformasse num intervalo

sem sonhos, vazio, entre as linhas vermelhas e azuis no mapa do metro, como uma linha de ligação silenciosa entre o trabalho e a liberdade. Ele tinha lido algures sobre um homem que ficara assim sentado no metro durante um dia inteiro, de olhos fechados, andando de um lado para o outro, e só quando foram limpar a carruagem no final do dia descobriram que estava morto. Talvez tivesse descido àquelas catacumbas precisamente com esse propósito, para desenhar uma linha azul de ligação entre a vida e o além, no interior daquele caixão amarelo-pálido, sabendo que não seria incomodado.

Quanto a ele, estava a desenhar uma linha de ligação na direção contrária: o regresso à vida. Havia o trabalho nessa noite e depois o outro em Oslo. O último trabalho. Depois estaria fora das catacumbas para sempre.

Um sinal dissonante soou, antes de as portas se fecharem na estação de Ternes. O metro voltou a ganhar velocidade.

Fechou os olhos, tentando imaginar o outro cheiro. O cheiro a blocos de desodorizante sanitários e a urina fresca, quente. O cheiro da liberdade. Mas talvez fosse verdade o que a mãe, professora, tinha dito: que o cérebro humano é capaz de reproduzir imagens detalhadas de tudo o que vimos ou ouvimos, mas não de um simples cheiro.

Cheiro. As imagens começaram a passar rapidamente pela sua mente. Tinha quinze anos, estava sentado no corredor do hospital em Vukovar e ouvia a mãe repetir uma prece, vezes sem conta, ao apóstolo São Tomé, o santo padroeiro dos trabalhadores da construção. Que Deus lhe poupasse o marido. Tinha ouvido o ribombar da artilharia sérvia, que disparava sobre a cidade a partir do rio, e os gritos daqueles que estavam a ser operados na sala de partos, onde há muito não vinham crianças ao mundo porque, após o cerco, nenhuma mulher dera à luz. Trabalhara como moço de recados no hospital e aprendera a bloquear os barulhos, os gritos e a artilharia. Mas não os cheiros. Sobretudo um: quando faziam uma amputação, os cirurgiões tinham de cortar a carne até ao osso e depois, para que os pacientes não se esvaíssem em sangue, usar um objeto que se assemelhava a um ferro de soldar, a fim de cauterizar os vasos sanguíneos,

para que estes fechassem. O cheiro a carne queimada e a sangue era inigualável.

Um médico entrou no corredor e fez um gesto com a mão para ele e a mãe entrarem.

Ao aproximar-se da cama, não se atrevera a olhar para o pai; concentrara-se apenas na grande mão morena agarrada ao colchão, tentando, ao que parecia, rasgá-lo em dois. E podia tê-lo conseguido, pois aquelas mãos eram as mais fortes da cidade. O pai trabalhava nas obras – era o homem que chamavam depois de os pedreiros acabarem o trabalho. Punha as suas grandes mãos em torno das armações de ferro que reforçavam o betão e, com um movimento experiente e rápido, dobrava as pontas dos ferros, entrelaçando-os. Tinha visto o pai a trabalhar; parecia que estava a espremer um pano. Ainda ninguém tinha inventado uma máquina que fizesse melhor aquele trabalho.

Fechou os olhos com força, quando ouviu o pai gritar de dor e angústia: «Levem o miúdo daqui para fora!»

– Mas ele pediu...

– Fora!

A voz do médico:

– A hemorragia parou. Vamos começar agora!

Sentiu que alguém o agarrava pelos braços e o levantava. Tentou debater-se, mas era muito pequeno, muito leve. E foi então que sentiu o cheiro. Carne queimada e sangue.

A última coisa que ouviu foi a voz do médico:

– A serra, por favor.

A porta bateu atrás dele e ele caiu de joelhos e continuou a rezar no ponto em que a mãe parara. Salva-o. Mutila-o, mas salva-o. Deus tinha o poder de fazer essas coisas. Se quisesse.

Sentiu alguém a observá-lo, abriu os olhos e de súbito estava de volta ao metro. No assento diante do seu estava uma mulher de maxilares contraídos, olhar fatigado e distante, que desviou os olhos quando ele a encarou. O ponteiro dos segundos do relógio de pulso avançava, enquanto evocava o endereço na sua mente. Sentiu o

pulso. Normal. Sentia a cabeça leve, mas não demasiado leve. Não tinha calor nem frio, não sentia medo nem prazer, satisfação nem insatisfação. O metro estava a abrandar. Charles de Gaulle-Étoile. Lançou um último olhar à mulher. Ela tinha-o observado com atenção, mas não o iria reconhecer, mesmo que voltasse a encontrá-lo naquela mesma noite. Ergueu-se e esperou junto das portas. Os travões emitiram um lamento ténue. Blocos de desodorizante para sanitários e urina. E liberdade – tão impossível de imaginar quanto um cheiro. As portas deslizaram para o lado.

Harry saiu para a plataforma e permaneceu de pé, inalando o ar quente subterrâneo, enquanto lia o endereço no pedaço de papel. Ouvia as portas fecharem-se e sentiu a corrente de ar nas costas, quando a composição voltou a arrancar. Depois encaminhou-se para a saída. Um cartaz de publicidade por cima das escadas rolantes anunciava como evitar as constipações. «Deve ser isso», tossiu e enfiou uma mão no bolso fundo do sobretudo de lã, encontrando o maço de cigarros debaixo da garrafa de bolso e a caixa de pastilhas para a garganta.

O cigarro oscilava-lhe nos lábios quando atravessou a porta de vidro da saída. Deixou o calor áspero e artificial do metro de Oslo atrás de si e subiu a correr os degraus que conduziam às muito reais temperaturas gélidas da cidade e à escuridão de dezembro. Harry encolheu-se instintivamente. Egertorget. Aquela pequena praça aberta era a interseção de várias zonas pedonais no coração de Oslo, se é que se podia afirmar que a cidade tinha um coração naquela altura do ano. As lojas estavam abertas naquele domingo, pois era o penúltimo fim de semana antes do Natal. Na praça as pessoas atarefavam-se, correndo apressadas de um lado para o outro sob a luz amarela que saía das janelas das modestas lojas de três andares. Harry viu os sacos com presentes embrulhados e memorizou que tinha de comprar qualquer coisa para Bjarne Møller, que no dia seguinte se despediria da brigada. O chefe de Harry, que durante todos aqueles anos na força policial fora uma espécie de anjo

da guarda, estava finalmente a pôr em prática os seus planos: reduzir o horário. A partir da semana seguinte iria assumir funções na Esquadra da Polícia de Bergen como o que se designava por investigador sénior especializado, o que na realidade significava que Bjarne Møller podia fazer o que lhe apetecesse até se reformar. Não parecia mau, mas Bergen? Chuva e montanhas húmidas. Møller nem sequer era de Bergen. Harry sempre gostara – mas nem sempre compreendera – Bjarne Møller.

Um homem vestido dos pés à cabeça com um casaco e calças acolchoadas passou a bambolear-se como um astronauta, sorrindo e expirando o ar gelado das bochechas redondas e rosadas. Ombros inclinados e rostos fechados de inverno. Harry reparou numa mulher de rosto pálido, envergando um fino casaco de pele preto, esburacado nos cotovelos. Estava parada junto à relojoaria, saltando de um pé para o outro, ao mesmo tempo que os seus olhos inquietos procuravam o *dealer*. Um mendigo estava sentado numa posição de yoga, encostado a um poste de iluminação, com a cabeça dobrada para a frente como em meditação. Tinha cabelo comprido e a barba por fazer, porém envergava roupa confortável e quente, inclusive moderna. Diante dele havia um copo de papel castanho de um café. Harry reparara que, de ano para ano, havia cada vez mais mendigos, e todos eles tinham o mesmo aspeto. Até os copos de papel eram idênticos, como se fizessem parte de um código secreto. Talvez fossem criaturas do espaço, invadindo silenciosamente a sua cidade, as suas ruas. E se fossem, ainda bem.

Harry entrou na relojoaria.

– Consegue arranjar isto? – perguntou ao jovem atrás do balcão, entregando-lhe o relógio que pertencera ao avô. Recebera-o quando era criança em Åndalsnes, no dia em que a sua mãe fora a enterrar. Na altura, sentira-se quase assustado, mas o avô assegurara-lhe que os relógios eram o tipo de objetos que se passam de geração em geração, e Harry deveria lembrar-se de passá-lo. «Antes que fosse tarde de mais.»

Harry tinha-se esquecido completamente do relógio, até Oleg o visitar no seu apartamento em Sofies Gate e o descobrir numa gaveta quando procurava o Gameboy. Mas o Oleg, que tinha então nove

anos mas que conseguia sempre batê-lo no Tetris – uma paixão que partilhavam –, esqueceu-se do duelo por que tanto ansiara e, ao invés, sentou-se a mexer no relógio de prata, tentando fazê-lo funcionar.

– Está avariado – disse Harry.

– Ups! – respondeu Oleg. – Tudo se pode arranjar.

Harry desejou do mais fundo do coração que ele tivesse razão, mas havia dias em que tinha sérias dúvidas. Apesar de tudo, interrogou-se brevemente se deveria apresentar a Oleg os Jokke & Valentinerne, que tinham lançado um álbum intitulado precisamente *Everything Can be Repaired*. Contudo, acabou por concluir que a mãe do Oleg, Rakel, não iria ficar muito satisfeita com a ligação: o seu ex-companheiro, alcoólico, a sugerir ao filho músicas sobre o alcoolismo, escritas e cantadas por um drogado morto.

– Pode arranjá-lo? – perguntou ao jovem atrás do balcão.

Como resposta, umas mãos ágeis e peritas abriram o relógio.

– Não vale a pena.

– Não vale a pena?

– Se for a um antiquário encontra relógios que funcionam melhor e custam menos do que arranjar este.

– Arranje-o na mesma – disse Harry.

– OK – disse o jovem, que começara já a examinar o mecanismo interior e, na verdade, parecia bastante satisfeito com a decisão do Harry. – Volte na próxima terça-feira.

Ao sair da relojoaria, Harry ouviu o som ténue de uma única corda de guitarra através de um amplificador. O som aumentou quando o guitarrista, um rapaz de barba áspera e luvas sem dedos, ligou um dos sintetizadores. Era a época dos tradicionais concertos natalícios, quando artistas famosos atuavam em nome do Exército de Salvação em Egertorget. As pessoas já tinham começado a reunir-se em frente da banda quando esta tomou posição atrás do caldeirão preto de Natal do Exército de Salvação, uma panela suportada por três estacas no meio da praça.

– És tu? – Harry voltou-se. Era a mulher com os olhos de drogada.

– És tu, não és? Vieste tu em vez do Snoopy? Preciso de uma dose rapidamente. Eu...

– Desculpe – interrompeu-a Harry. – Eu não sou a pessoa que procura.

Ela fitou-o. Inclinou a cabeça para um lado, semicerrou os olhos, como que a avaliar se ele lhe estava a mentir.

– Sim, já o vi em algum lado antes.

– Sou polícia.

Ela hesitou. Harry respirou fundo. A reação dela demorou, como se a mensagem tivesse de fazer um desvio, para evitar neurónios queimados e sinapses desfeitas. Depois o brilho monótono de ódio que Harry esperara acendeu-se-lhe nos olhos.

– Chui?

– Pensava que havia um acordo. Era suposto ficarem na praça, em Plata – disse Harry, desviando o olhar dela para o vocalista.

– Bah! – disse a mulher parada diante de Harry. – Tu não és dos Narcóticos. És aquele tipo da televisão que matou...

– Brigada Anticrime. – Harry segurou-a pelo braço. – Ouve, consegues arranjar o que precisas em Plata. Não me obrigues a arrastar-te até à esquadra.

– Nada feito. – Disse ela puxando o braço.

Harry arrependeu-se de imediato e ergueu as duas mãos no ar.

– Diz-me então que não vais traficar aqui, para eu me ir embora. OK?

Ela inclinou a cabeça. Os lábios finos e anémicos franziram-se um pouco. Parecia encontrar algo divertido na situação.

– Queres que te diga porque é que não posso ir para a praça?

Harry esperou.

– Porque o meu filho está lá.

Harry sentiu o estômago revirar-se-lhe.

– E eu não quero que ele me veja neste estado. Estás a compreender, chui?

Harry olhou para o rosto desafiante e tentou formular uma frase.

– Feliz Natal – disse, voltando-lhe as costas.

Harry deitou o cigarro para a neve compacta e castanha e afastou-se. Queria livrar-se daquele assunto. Não viu as pessoas que caminhavam

na sua direção e, com os olhos no chão, fitando o gelo azul como se estivessem de consciência pesada, eles também pareciam não o ver, como se os cidadãos da mais generosa democracia social do mundo estivessem apesar de tudo envergonhados. «Porque o meu filho está lá.»

Em Fredensborgveien, Harry deteve-se não muito longe da Biblioteca pública de Oslo, diante do número rabiscado no envelope que trazia consigo. Deitou a cabeça para trás e olhou para cima. A fachada era cinzenta e preta, e fora recentemente pintada. Era o sonho húmido de qualquer artista de grafito. As decorações de Natal já estavam penduradas em algumas das janelas, silhuetas escuras contra uma luz amarela e suave, no que pareciam ser casas quentes e seguras. «E se calhar são mesmo», obrigou-se Harry a pensar. «Obrigou-se» porque era impossível ser-se polícia durante doze anos sem se deixar infetar pelo desprezo pela humanidade que aquele trabalho trazia consigo. Mas lutou contra essa ideia; é preciso reconhecer-lhe isso.

Encontrou o nome junto da campanha, fechou os olhos e tentou encontrar as palavras certas. Não ajudou. A voz dela ainda estava no seu caminho.

«Não quero que ele me veja neste estado...»

Harry desistiu. Será que havia a palavra certa para expressar o impossível?

Pressionou com o polegar o botão de metal frio, e, algures no interior do prédio, uma campanha soou.

O capitão Jon Karlsen tirou o dedo do botão, pousou os pesados sacos de plástico no passeio e ergueu os olhos para a fachada do prédio. Os apartamentos pareciam ter sofrido um ataque de artilharia leve. Parte do reboco tinha caído e as janelas calcinadas de um apartamento no primeiro andar tinham sido entaboadas. Passara pela casa azul de Fredriksen sem reparar nela, pois o frio parecia ter absorvido toda a cor dos edifícios e quase não se conseguia diferenciar as fachadas da Hausmanns Gate umas das outras. Só quando avistou a casa

ocupada, em cuja parede se lia a inscrição «Vestbredden», é que compreendeu que tinha andado demasiado. Havia um corte no vidro da porta da frente em forma de V, V de vitória.

Jon tremeu de frio dentro do casaco e regozijou-se por o uniforme do Exército de Salvação, que envergava por baixo do casaco, ser feito de pura lã. Quando fora levantar o novo uniforme, logo após a Escola de Formação de Oficiais, nenhum dos tamanhos tipo lhe servira, e por isso fora-lhe fornecido o tecido e enviado a um alfaiate. Este soprara-lhe fumo para a cara e dissera, a propósito de nada, que rejeitava Jesus como seu redentor. Porém, o alfaiate tinha feito um bom trabalho e Jon agradecera-lhe calorosamente. Não estava habituado a ter roupa que lhe servisse. Dizia-se que isso era por causa da corcunda. Quem o visse a subir a Hausmanns Gate naquela tarde podia perfeitamente pensar que estava dobrado para a frente com o propósito de se proteger do vento gélido de dezembro, que varria os passeios como agulhas de gelo e lixo congelado no meio do estrépito do trânsito. Mas quem o conhecesse bem, diria que Jon Karlsen andava curvado para parecer menos alto. E para conseguir chegar àqueles mais baixos do que ele. Como fazia naquele momento, para deitar a moeda de vinte coroas no copo de papel castanho que uma mão suja e trémula segurava junto à entrada da porta.

– Que tal vai isso? – perguntou Jon à trouxa humana sentada no passeio de pernas cruzadas em cima de um pedaço de cartão, no meio da neve rodopiante.

– Estou na fila para a dose de metadona – disse o desgraçado numa voz irresoluta e monótona, como um salmo mal ensaiado, enquanto fitava os joelhos das calças pretas do uniforme de Jon.

– Devias ir até ao nosso café em Urtegata – disse Jon. – Aquecer-te um pouco, comer qualquer coisa, e...

O resto da frase afogou-se no ruído do tráfego, quando o semáforo atrás deles ficou verde.

– Não tenho tempo – respondeu a trouxa humana. – Por acaso não tens uma nota de cinquenta?

Jon surpreendia-se sempre com a determinação inabalável dos drogados. Suspirou e enfiou uma nota de cem coroas dentro do copo.

– Vê se arranjas umas roupas quentes na Fretex. Se não, vai ao Fryrlyset, temos uns casacos de inverno novos. Vais morrer de frio com esse casaco de ganga fininho.

Disse isto com a resignação de alguém que sabia já que o seu donativo iria ser usado para comprar droga. Mas o que se havia de fazer? Era sempre o mesmo refrão, mais um dos insolúveis dilemas morais que enchiam os seus dias.

Jon tornou a premir o botão da campainha. Viu o seu reflexo na montra suja da loja ao lado da porta do prédio. Thea dissera que ele era um grande homem. Não era nada grande. Era pequeno. Um pequeno soldado. Mas depois de acabar aquilo, o pequeno soldado iria correr por Møllerveien, atravessar o rio Akerselva, onde começavam o distrito de Grünerløkka e a parte leste de Oslo, passando pelo Sofienberg Park até Gøteborggata 4, que pertencia ao Exército e que era alugado aos seus empregados. Ia abrir a porta da entrada B, cumprimentar um dos outros inquilinos que, esperava ele, presumisse que estava a caminho do seu apartamento no terceiro andar. Contudo, ele ia apanhar o elevador até ao quarto andar, atravessar o sótão até ao edifício A, assegurar-se de que não havia ninguém por perto, e depois encaminhar-se para a porta da Thea e bater à porta com o sinal que tinham combinado. E ela ia abrir a porta e os braços, para os quais ele se iria lançar e derreter.

Qualquer coisa estava a tremer.

Primeiro pensou que fosse o chão, a cidade, os alicerces. Pousou o saco e mergulhou a mão no bolso. O telemóvel vibrava na sua mão. O monitor mostrava o número de Ragnhild. Era a terceira vez naquele dia. Sabia que não podia adiar mais; tinha de lhe dizer que ele e a Thea iam ficar noivos. Quando encontrasse as palavras certas. Voltou a guardar o telemóvel no bolso e evitou olhar para o seu reflexo. Mas decidiu-se. Ia deixar de ser um cobarde. Ia ser franco. Ia ser um grande soldado. Por Thea na Gøteborggata. Pelo seu pai na Tailândia. Por Deus, lá em cima.

– Sim? – veio o grito do altifalante acima das campainhas.

– Oh, olá. É o Jon.

– Hã?

– Jon, do Exército de Salvação.

Jon esperou.

– O que é que quer? – crepitou a voz.

– Trouxe comida. Pensei que pudesse precisar de...

– Trouxe cigarros?

Jon engoliu em seco e bateu com as botas na neve.

– Não, desta vez o dinheiro que tinha só chegava para comida.

– Merda.

Fez-se silêncio.

– Olá? – gritou Jon.

– Sim, sim. Estou a pensar.

– Se quiser, posso voltar mais tarde.

O mecanismo da porta zuniu e Jon apressou-se a empurrá-la.

Nas escadas havia jornais e garrafas vazias por todo o lado, e no chão poças congeladas de urina amarela. Graças ao tempo frio, porém, Jon não teve de inalar o omnipresente fedor doce-amargo que enchia o corredor em dias mais quentes.

Tentou não fazer muito barulho ao andar, apesar disso os seus passos retumbaram nas escadas. A mulher parada na soleira da porta à espera dele comia os sacos com os olhos. «Para evitar olhá-lo nos olhos», pensou Jon. Tinha a cara flácida e inchada de uma velha alcoólica, excesso de peso, e envergava uma *T-shirt* branca imunda por baixo do roupão. Um cheiro a mofo emanava da porta.

Jon deteve-se no patamar e pousou os sacos.

– O seu marido está em casa?

– Sim, está – respondeu num francês melífluo.

Era uma mulher bonita. Maçãs do rosto salientes e olhos amendoados. Lábios finos, pálidos. E bem vestida. Pelo menos era o que lhe parecia, pelo pouco que ele conseguia divisar através da fresta da porta.

Instintivamente, ajustou o lenço vermelho que trazia ao pescoço.

A fechadura de segurança entre eles era de latão maciço, presa a uma pesada porta de carvalho, que não tinha uma placa com o nome. Enquanto estava à porta do prédio na avenida Carnot, à espera de que o porteiro viesse abrir a porta, reparara que tudo parecia novo e caro: a maçaneta da porta, as campainhas, o canhão da fechadura. E o facto de a fachada amarelo-pálida e as persianas brancas estarem cobertas por uma inestética película de poluição negra servia para salientar ainda mais a natureza sólida e estável daquele quarteirão de Paris. Nas paredes do corredor estavam pendurados quadros a óleo originais.

– O que lhe deseja?

Os olhos e a entoação não eram nem simpáticos nem antipáticos, denunciavam porém uma ponta de ceticismo, que provavelmente estaria relacionado com o seu péssimo sotaque francês.

– Uma mensagem, *madame*.

Ela hesitou. Mas no final agiu como esperara:

– Está bem. Pode esperar aqui, eu vou chamá-lo.

A mulher fechou a porta, e ouviu-se o clique da fechadura, suave, bem oleado. Bateu com os pés no chão. Deveria aprender a falar melhor francês. A mãe obrigara-o a aprender inglês aos serões, mas nunca tinha prestado atenção ao seu francês. Fitou a porta. Abertura francesa. Visita francesa. Bom.

Pensou em Giorgi. O Giorgi do sorriso branco era um ano mais velho do que ele, portanto tinha agora vinte e quatro anos. Será que ainda era bonito? Louro, pequeno e frágil como uma rapariga? Apaixonara-se por Giorgi, aberta e incondicionalmente, como apenas as crianças se podem apaixonar.

Ouviu passos vindos do interior. Passos de um homem. Alguém a mexer na fechadura. Uma linha de ligação azul entre o trabalho e a liberdade, dali para o sabão e a urina. A neve ia chegar em breve. Preparou-se.



O rosto do homem apareceu na fresta da porta.

– Que raio é que quer daqui?

Jon levantou os sacos de plástico e tentou sorrir: «Pão fresco. Cheira bem, não cheira?»

Fredriksen pousou uma grande mão castanha no ombro da mulher e empurrou-a para o lado.

– A única coisa que consigo cheirar é sangue cristão...

As palavras foram pronunciadas com uma dicção sóbria e clara, mas as íris húmidas no rosto barbudo falavam uma língua diferente. Os olhos tentaram focar os sacos das compras. Parecia um homem grande e forte, que tinha encolhido por dentro. Como se o esqueleto e o crânio tivessem mirrado sob a pele, de maneira que esta descaía, três tamanhos acima do rosto maléfico. Fredriksen passou com um dedo sujo por cima dos arranhões frescos na cana do nariz.

– Não veio cá para pregar, ou veio? – perguntou.

– Não, eu só queria...

– Deixe-se de histórias, soldado. Deve querer qualquer coisa em troca disso, ou não? A minha alma, por exemplo, hum?

Jon tremeu dentro do uniforme.

– Eu não trato de almas, Fredriksen. Mas posso arranjar-lhe um pouco de comida, por isso...

– Vamos lá, um pequeno sermão sempre se deve conseguir arranjar.

– Como disse, eu...

– Vá lá!

Jon deteve-se a olhar para Fredriksen.

– Abra essa sua boca de rata húmida e dê-nos um sermão! – berrou Fredriksen. – Para podermos comer de consciência tranquila, sacana de cristão condescendente. Vamos, despache lá isso. Qual é a mensagem de Deus hoje?

Jon abriu a boca e tornou a fechá-la. Engoliu em seco. Tentou de novo e desta vez conseguiu que as cordas vocais respondessem.

– A mensagem é que Ele deu o seu único filho, que morreu... pelos nossos pecados.

– Está a mentir!

★ ★ ★

– Lamento, mas não – disse Harry, observando o rosto aterrado do homem diante dele na porta. Cheirava a comida e lá atrás ouvia-se o chocalhar dos talheres. Um homem de família. Um pai. Até àquele momento. O homem coçou o antebraço, dirigindo o olhar para um ponto acima da cabeça de Harry, como se estivesse ali alguém. O coçar produzia um desagradável ruído áspero.

Entretanto, o chocalhar dos talheres tinha parado. Em vez disso, ouviram-se passos silenciosos e uma pequena mão vinda de trás pousou no ombro do homem. O rosto de uma mulher com grandes olhos avermelhados espreitou para fora.

– O que é que se passa, Birger?

– O polícia tem algo para nos dizer – disse Birger monocórdico.

– O que é que se passa? – perguntou a mulher, dirigindo o olhar para Harry. – É por causa do nosso filho? É por causa do Per?

– Sim, Fru Holmen – respondeu Harry, vendo o medo nos seus olhos crescer. De novo, procurou em vão as palavras certas. – Encontrámo-lo há duas horas. O vosso filho está morto.

Teve de desviar o olhar.

– Mas ele... ele... onde? – O seu olhar saltava de Harry para o marido, que não parava de coçar o braço.

«Não tarda está a sangrar», pensou Harry, e pigarreou:

– Num contentor junto ao porto. Tal como tínhamos. Já estava morto há algum tempo.

Birger Holmen pareceu subitamente perder o equilíbrio, cambaleou na direção do corredor iluminado e teve de se agarrar a um cabide. A mulher avançou e Harry viu o homem cair de joelhos atrás dela.

Harry respirou fundo e enfiou a mão debaixo do casaco. As pontas dos seus dedos ficaram geladas quando tocaram a garrafa de bolso metálica. Encontrou o que estava à procura e retirou um envelope. Embora não tivesse sido ele a escrever a carta, sabia muito bem o que lá estava escrito. A notificação oficial da morte, breve e factual, sem uma palavra supérflua. O procedimento burocrático de pronunciar a morte.

– Sinto muito, mas o meu trabalho é entregar-lhe isto.

– O seu trabalho é fazer o quê? – perguntou o pequeno homem. Era um tipo de meia-idade, com um sotaque francês exagerado, que não era característico das classes altas mas sim daqueles que gostariam de lhe pertencer. O visitante observou-o. Tudo correspondia à fotografia no envelope, até o mesquinho nó de gravata e o casaco vermelho que lhe estava largo.

Não sabia o que é que aquele homem tinha feito de errado. Certamente não teria agredido ninguém, pois, apesar da expressão irritada no rosto, a linguagem corporal era defensiva, quase assustada, mesmo à porta da sua própria casa. Teria roubado dinheiro? Teria feito alguma falcatura? Tinha o ar de alguém que trabalhava com números. Mas não com grandes somas. Apesar de a mulher ser atraente, dava a impressão de ser alguém que se orientava com uns trocos aqui e ali. Talvez tivesse sido infiel, podia ter ido para a cama com a mulher do homem errado. Não. Regra geral, homens baixos com fortuna média e mulheres muito mais atraentes do que eles, estão muito mais preocupados com a infidelidade delas. O homem irritava-o. Enfiou a mão no bolso.

– Isto aqui – disse, pousando o cano de uma *Llama Minimax*, que tinha comprado por apenas trezentos dólares, na corrente da porta esticada – é o meu trabalho.

Apontou para o silenciador. Era um simples tubo de metal, aparafusado ao cano, que ele tinha mandado fazer num armeiro em Zagrebe. A fita adesiva preta enrolada em torno da junção das duas

partes servia para as fechar hermeticamente. É claro que podia ter comprado um silenciador de qualidade por mais de cem euros, mas para quê? Nem um nem outro conseguiriam abafar o som de uma bala a atravessar a barreira do som, do gás quente quando encontrava o ar frio, ou das partes mecânicas da pistola que colidiam umas nas outras. Só em Hollywood é que havia silenciadores que soavam como pipocas a bater na tampa de uma panela.

A explosão foi como o estalar de um chicote, e empurrou-lhe o rosto contra a fresta da porta.

O homem da fotografia tinha desaparecido; caíra para trás silenciosamente. O corredor estava mal iluminado, mas no espelho da parede viu a fita de luz da abertura da porta e o seu próprio olho muito aberto, emoldurado a ouro. O morto estava estendido em cima de um grosso tapete cor de vinho. Persa? Afinal, talvez fosse um homem abastado.

Agora, porém, tinha um pequeno buraco no meio da testa.

Ergueu os olhos, e encontrou os da mulher. Se é que ela era a mulher dele. Estava parada na soleira da porta de outra divisão. Atrás dela havia um grande candeeiro de papel de arroz amarelo. Tinha a mão em frente da boca e fitava-o estarelecida. Ele fez-lhe um breve aceno de cabeça. Depois fechou a porta com cuidado, enfiou a pistola no coldre de axila e começou a descer as escadas. Nunca usava o elevador quando batia em retirada. Ou carros alugados, ou motos, ou qualquer outra máquina que pudesse subitamente avariar. E não corria. Não falava nem gritava, pois a voz podia ser identificada.

A retirada era a parte crítica do seu trabalho, mas era também aquela que lhe agradava mais. Era como voar, um nada sem sonhos.

A porteira tinha vindo cá fora. Estava parada diante do seu apartamento no rés-do-chão e observava-o, perplexa. Ele murmurou um *Au revoir, madame*, mas ela ficou a olhar para ele sem dizer palavra. Dali a uma hora, a polícia iria interrogá-la e pedir-lhe uma descrição. E ela iria dar-lhes uma. De um homem de aparência normal, estatura mediana. Vinte anos de idade. Ou talvez trinta. De certeza que não tinha quarenta, julgava ela.

Saiu para a rua. O leve retumbar de Paris, como uma trovoadas que nunca se aproxima, mas também não se dissipa. Deitou a *Llama Minimax* num caixote do lixo, que tinha visto de antemão e escolhido para esse fim. Duas armas do mesmo fabricante, novas, esperavam pelo seu regresso a Zagrebe. Fora-lhe feito um desconto, pela compra por atacado.

Quando o autocarro do aeroporto passou Porte de la Chapelle meia hora depois, na autoestrada entre Paris e Charles de Gaulle, o ar estava saturado de flocos de neve. Depositavam-se sobre os molhos de palha amarelo-clara dispersos pelos campos, que se erguiam congelados para o céu cinzento.

Depois de fazer o *check-in* e de passar o controlo de segurança, encaminhou-se diretamente para a casa de banho dos homens. Colocou-se em posição no final da fila de urinóis, desabotoou as calças e respingou os blocos sanitários no urinol. Fechou os olhos e concentrou-se no cheiro adocicado do paradiclorobenzeno e a fragrância de limão dos J & J Chemicals. Na linha azul da liberdade havia apenas mais uma paragem. Deixou o nome derreter-se-lhe na boca: Os-lo.